

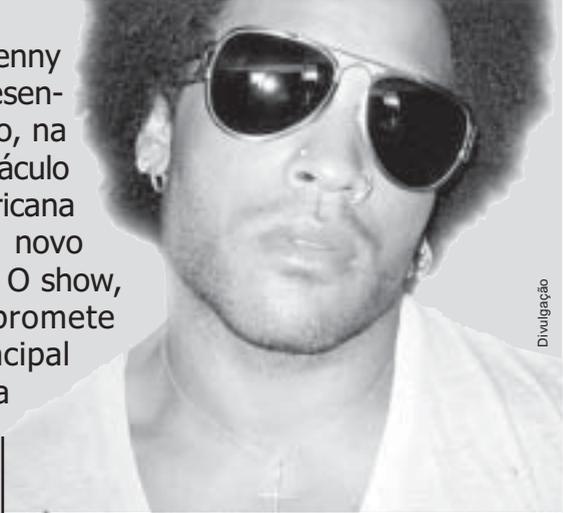


ACONTECE NA CIDADE

Boletim Cultural da Cidade do Rio de Janeiro - ano 2 nº 20 - Março de 2005 - Gratuito

LENNY KRAVITZ DE GRAÇA NO RIO

O roqueiro americano Lenny Kravitz faz única apresentação no Rio dia 21 de março, na Praia de Copacabana. O espetáculo faz parte da turnê latino-americana *Celebrate!* e divulga o mais novo trabalho do artista, *Baptism*. O show, em plena segunda-feira, promete agitar o carioca e é a principal atração pelos 440 anos da cidade.



Divulgação

(Show - pág. 14)

A FRANCESA QUE ESCREVA O AMOR

A partir do dia 9 de março, o diretor Gilberto Gawronski leva ao palco do CCBB a vida e a obra de um grande nome da literatura mundial: Marguerite Duras. Autora de clássicos recheados de amor, como *Hiroshima mon amour*, a escritora francesa é vivida por Camila Amado

(Teatro - pág. 6)



Divulgação

Desenhos e precipícios

Divulgação



O artista plástico Victor Arruda comemora três décadas no mundo da arte com duas exposições em março no Rio. *Desenhos* reúne criações livres e homenagens a Picasso, Mondrian e Ismael Nery e *Novos abismos* mostra pinturas com pessoas solitárias sempre à beira de um abismo.

(Artes - pág.12)





Expediente

Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

Diagramação

Ligia Moreira

Colaboraram nesta edição:

Amorim

Antônio Torres

Gloria Castro

Jorge Salomão

José Louzeiro

Leonardo Luiz Ferreira

Luis Pimentel

Paulo Raider

Sérgio Britto

Comercial

Ricardo: 9666-5469

E-mail para contato:

acontecenacidade@br.inter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

Índice

Editorial	pág. 2	Cinema.....	pág. 9
Antônio Torres...	pág. 3	Video/DVD	pág. 10
Literatura	pág. 3	Sérgio Britto	pág. 11
Dança	pág. 4	Artes Plásticas	pág. 12
Luis Pimentel ...	pág. 5	José Louzeiro	pág. 13
Teatro	pág. 6	Televisão	pág. 13
Jorge Salomão	pág. 7	Show	pág. 14
Sétima Arte	pág. 8	Aconteceu	pág. 15
		Paulo Raider	pág. 16

Editorial

17 de março de 2005. Se fosse viva, Elis Regina completaria 60 anos nesta data. O ACONTECE NA CIDADE faz questão de lembrar o talento desta que foi uma das maiores cantoras do Brasil. Tudo na vida dela aconteceu cedo. Elis nasceu em Porto Alegre e começou a cantar numa rádio de lá aos 11 anos. Aos 20, ganhou I Festival de MPB da TV Excelsior interpretando com a alma *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes. E essa era uma de suas características mais marcantes. Pequena que era, de voz gigante, gênio apimentado, a "Pimentinha" Elis cantava sempre com a alma. Quem não se lembra da gravação de *Atrás da porta*, de Chico Buarque e Francis Hime, em que ela chora e canta ao mesmo tempo? A voz de Elis encantou o Brasil. O Brasil que ela cantou na música de Tom Jobim, Rita Lee, Milton Nascimento, Aldir Blanc, João Bosco (além dos poetas citados aí em cima e de outros tantos), representantes da riqueza musical que gente tem. O Brasil que chorou quando ela morreu aos 36 anos, cedo. Uma vida curta, um legado enorme.



[HTTP://WWW.BOCICITIES.COM/AMORIMCARTOON](http://www.bocicities.com/amorimcartoon)





Antônio Torres

3

Desculpe, Sr. Prefeito

É neste março que começam as programações do ano do Brasil na França. Já dá para sentir no ar que nem tudo será macumba para turista. Outras águas vão rolar por debaixo das pontes do Sena. Tomara mesmo que o nosso país apresente por lá algo além dos clichês de sempre. Por aqui a figura francesa mais lembrada será a do vice-almirante bretão Nicolau Durand de Villegaignon, aquele que fez o primeiro assentamento de europeus no Rio de Janeiro. Ele chegou em 1555, com 2 navios e cerca de 600 homens (a maioria prisioneiros arrebanhados nos cárceres de Paris e Rouen). Instalou-se na ilha Seregipe, que hoje tem o seu nome. O seu propósito inicial era o de encontrar, num lugar muito longe, um refúgio para os calvinistas, caso eles fossem expulsos da Europa, que já se ensanguentava nas guerras religiosas.

Os 450 anos da chegada de Villegaignon ao Rio já renderam algumas louvações na imprensa carioca. Uma delas, num caderno de amenidades, trazia a assinatura do prefeito César Maia que, em arroubos acima do seu tom normalmente *low profile*, afirma que "a França Antártica vive" (mas como, se nunca existiu? - perguntará o leitor), que

Villegaignon era o "primeiro almirante" do rei Henri II, que "com rigor à História, o Rio foi fundado pelos franceses em 1560." E faz uma referência a um "almirante/corsário Le Troin," que teria realizado no Rio um saque sem limites, "em 1811."

Pena que o nosso alcaide não tenha tido tempo (o que é até compreensível, com tanta prefeitança e pefelança a cuidar), para pelo menos ter dado uma olhada à página 41 do livro *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro - Terras e fatos*, de Aureliano Restier Gonçalves, reeditado em 2004 pelo Arquivo Geral da Cidade, uma instituição... da Prefeitura! Então o senhor prefeito teria sabido que Villegaignon era um vice-almirante. O "primeiro almirante" chamava-se Gaspar de Coligny. Não foi à-toa que o marujo bretão, ao se instalar naquela ilha hoje colada ao Santos Dumont, pôs-lhe o nome de Forte Coligny, numa puxação de saco explícita ao seu chefe. E o *Le Troin*? Trata-se do *Nobre Seqüestrador* René Duguay-Trouin, o que fez o primeiro seqüestro do Rio de Janeiro - o da própria cidade. Em 1711. Numa prova de História, o senhor prefeito passaria raspando. Mas leva os meus aplausos pelo seu esforço de redação. Ave, César!



Literatura

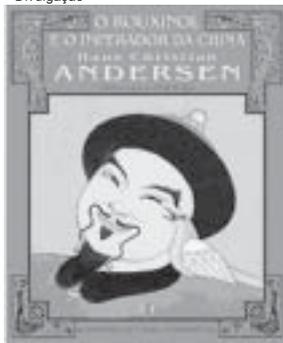
Para todas as idades

Impossível não se emocionar com *O rouxinol e o imperador da China*

No ano do bicentenário de nascimento do dinamarquês Hans Christian Andersen, a Global Editora lança pela coleção Clássicos Universais o livro uma história sobre o pássaro que encanta o soberano pela beleza de seu canto, é substituído por uma ave mecânica, mas mesmo assim, volta a cantar para espantar a morte do imperador. Com adaptação de Cecília Reggiani Lopes e ilustrações de Cláudia Scatamacchia o volume tem 24 páginas e promete encantar leitores de todas as idades.

Hans Christian Andersen nasceu em 2 de

Divulgação



abril de 1805, na cidade de Odense, Dinamarca. Filho de uma lavadeira e um sapateiro, saiu de casa aos 14 anos para tentar a vida como cantor e ator. Em Copenhague, com a ajuda do Diretor do Teatro Real, terminou seus estudos e tornou-se conhecido poeta e grande contador de estórias. Publicou seu primeiro conto de fadas com mais de 30 anos escreveu cerca de 170 estórias, traduzidas em mais de 100 idiomas, sendo um dos mais conhecidos escritores infantis de todos os tempos. O mais importante prêmio de literatura infantil do mundo leva o seu nome e é entregue pela rainha da Dinamarca. **(F.M.)**





Dança

4

La fille mal gardée de roupa nova

Espectáculo abre a temporada de balé do Municipal

La *fille mal gardée* ganha remontagem e estréia a temporada de balé do Theatro Municipal dia 31 de março, com primeira bailarina Ana Botafogo no papel principal. Apresentado pela primeira vez na França, em julho de 1789, *La fille mal gardée* se tornou um dos balés mais populares de seu tempo e recebeu várias versões para os palcos.

O enredo fala do amor da jovem Lise com o agricultor Colas, contrariando um casamento de conveniência com Alain, filho de um rico fazendeiro. Ana Botafogo divide o papel de Lise com as bailarinas Bettina do Dalcanalle, Cristiane Quintan, Márcia Jaqueline e Teresa Augusta. Os bailarinos Renê Salazar, Reginaldo Oliveira, Vitor Luiz e Bruno Rocha se alternam no papel de Colas. Filipe Moreira, Ronaldo Martins, Rodrigo Negri e Renê Salazar, por sua vez, se revezam como Alain.

O espetáculo reúne o Corpo de Baile e



Divulgação

a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal e tem a regência do maestro húngaro Janos Acs, que já esteve à frente da Ópera de Budapeste e ficou conhecido por reger o espetáculo dos três tenores, Luciano Pavarotti, Plácido Domingo e José Carreras. O coreógrafo é o brasileiro Emílio Martins. Cenário e figurino têm a assinatura de Osbert Lancaster. *La fille mal gardée* segue temporada até o dia 10 de abril. **(G.C.)**

Passos que vêm de Sampa

Cacilda Becker recebe companhias paulistas de dança

Divulgação



Durante todo o mês de março, o Teatro Cacilda Becker apresenta a série *Sampa no Cacilda*, com companhias de dança de São Paulo. A Cia. Repentista do Corpo apresenta o espetáculo *Cordel Encorpado*, enquanto a Borelli Cia. de Dança leva ao palco *Gárgulas e metamorfose*. Já a bailarina Célia Gouveia mostra três coreografias: *C-E-C-I-L-I-A*, *Romance de Dona Mariana* e *Parascha*. O projeto *Extensões* também apresenta três espetáculos diferentes: *Ancas da tradição*, de Eliana e Sofia Cavalcante, *Homem sem pele*, de Carlos Martins e *Rimas no corpo*, de Mariana Muniz. O preço das apresentações varia entre R\$ 5 e R\$ 15. O Teatro Cacilda Becker fica na Rua do Catete, 388, ao lado da estação de metrô do Largo do Machado. **(G.C.)**





**Luís
Pimentel**

Histórias de duas Marias

Maria Lúcia tinha um grande amor. Um dia ele resolveu abandonar a cidadezinha onde viviam e procurar emprego e fortuna no Rio de Janeiro. Depois mandaria buscá-la. Ela ficou por lá, mastigando os dias cinzas e pintando de rosa o futuro.

Já perdia as esperanças quando recebeu o envelope contendo um pequeno bilhete do amado: "Não volto mais, nunca mais, para esse fim de mundo". Assinado: Antônio.

Maria Lúcia respondeu imediatamente: "Nem eu, Antônio. Nem eu". Dia seguinte morreu, depois de colocar a resposta no Correio.



Maria da Glória tinha 15 anos quando começou a fazer milagres na pequena cidade de Itaberaba, interior baiano, onde nasceu e se criou. Curou um velhinho de 70 anos, quase cego, desentortou as pernas de um aleijado e fez desaparecer uma montanha de

músculos enterrada nas costas do corcunda. Fez outros milagres milagrosos e ganhou logo o apelido de Santinha. Ganhou também de imediato a admiração e o respeito dos conterrâneos todos.

Um belo dia apareceu um forasteiro na cidade. Camelô de conversa fácil (vendia cocô de cabrito como remédio para vermes), procurando a milagrosa para resolver um problema de unha encravada. Santinha, cumprindo a missão, visitou o forasteiro na pensão de dona Zulmira, onde a aguardava estirado na cama dos pecadores. Curado, o camelô desapareceu de Itaberaba para nunca mais voltar.

Seis meses depois do milagre, Santinha se viu obrigada a tirar a cinta que usava para inibir o ventre, exibindo uma exuberante gravidez. O homem de conversa fácil passara a cantilena sutil dos mortais na virgem pura. Santinha nunca mais fez milagres. Voltou a ser Maria da Glória, agora a barriguda e difamada, condenada por todos.





Teatro

6



Silvio Pozzatto/Divulgação

O amor como maior inspiração

Peça relembra vida e obra de Marguerite Duras

Considerada um dos maiores nomes da literatura mundial, a francesa Marguerite Duras tem a vida e a obra passadas a limpo no palco do Centro Cultural Banco do Brasil. A peça - que leva o nome da escritora - ressalta o processo de criação de Marguerite, cujos livros sempre têm o amor como tema recorrente: o amor nas paisagens, ao redor do mundo, nas insólitas relações de paixão e envolvimento entre os amantes, etc. Suas obras - *Hiroxima mon amour*, *Olhos Azuis*, *Cabelos Pretos*, *O Amante* e *A Doença da Morte* - são recheadas de poesia. Para viver esta complexa e con-

troversa personalidade, o diretor Gilberto Gawronski (que também escreveu o espetáculo) escolheu Camila Amado, grande estudiosa da escritora francesa e responsável pela tradução de alguns romances de Duras para o português. No elenco estão ainda Orã Figueiredo - no papel de secretário particular e amante de Marguerite - e Adriane Piovesani e Adriano Lopes, que interpretam os personagens ficcionais das obras da autora. *Marguerite Duras* fica em cartaz de 9 de março a 24 de abril, de quarta a domingo, às sete da noite, no Teatro III do CCBB. **(F.M.)**

Símbolo da luta contra a ditadura

Roda-viva estréia no Teatro Glória

A nova montagem do musical *Roda-viva*, de Chico Buarque de Hollanda, estréia dia 11 de março no Teatro Glória com ingressos a preços populares. O texto, símbolo da luta contra a ditadura e a censura, é um retrato de um momento histórico no qual os artistas procuravam metáforas para dizer aquilo que não era permitido dizer abertamente. Com direção de Patrícia

Zampiroli e direção musical de Paulo Name, um coro de 16 atores canta as magistras músicas de Chico, com o acompanhamento de um sexteto (violão, guitarra, contrabaixo/violoncelo, bateria, percussão e sopros) com novos arranjos ou releituras.

Roda-viva tem no elenco Bernardo Carvalho, Carmen Zanatta Kawahara, Carol Bello, Carolina Ribeiro, Cristiano Penna, Evie Saide, Fernanda Faria, Henrique Lancaster, Marcela Siebler, Marina Makhohl, Nayamara Bomfim, Reiner Tenente, Renata Assunção, Takna Formaggini, Viviane Soledade e Walney Junior.

A primeira montagem de *Roda-Viva* foi no Rio, no início de 1968, sob a direção de José Celso Martinez Corrêa, com Marieta Severo, Helene Pestes e Antônio Pedro nos papéis principais.

O espetáculo fica em cartaz até o dia 3 de abril, com ingressos a R\$10,00 (no último domingo do mês o ingresso custa R\$1,00). **(G.C.)**



Divulgação





Jorge Salomão

“Continuar a tecer a teia da vida, de maneira que o fio se torne cada vez mais potente, eis a tarefa”.

— Nietzsche

Entre casa adentro.
Interrompa o silêncio.
Dance no campo das possibilidades.
Misturando poesia e realidade.



Estudos da natureza. Há dias em que tudo o que vejo me parece carregado de significados: a umidade do silêncio no pátio vazio depois do chuveiro. A poça d’água parada. A rachadura do tempo no cimento do chão. Nada respira. Tudo parece imóvel. Um helicóptero corta o tedioso espaço. Universo de palha e fibras. A estrada deserta. A trama perigosa do tear. Os dedos do pé. Sem ter onde apoiar a mão, a cabeça. Fico vesgo, sinto vertigem e firme sigo na seqüência da cena. É bom sair. Desenhos no céu. Quando você se torna conhecido, vira espelho, então as pessoas chegam junto de você e se manifestam, se oferecem, falam diabruras, armam situações, etc. Há um clima tenso, intenso por toda a parte e temos que arejar. Refrescar a cuca, senão o tempo explode. Vamos combinar? Preconceitos de qualquer espécie são intoleráveis. Tá

pesado o esquema de estupidez no mundo: é bomba por todo o lado. A situação não está fácil pra ninguém. É muita coisa em choque. Os valores se despedaçam numa velocidade de filme de ficção e transformam tudo em terror, pavor, espatifamento. Onde a felicidade? É um trabalho árduo, difícil e tem que ser batalhado, mas numa hora sente-se o cheiro e o espaço se abre, e isso se torna infinito no seu tempo que independe de ser curto ou longo. Tem hora que digo pra mim mesmo que não quero escrever mais. Fico confuso e digo não quero mais. Mas escrever como falar, andar, trabalhar, transar, dançar, etc, são atividades fundamentais do ser humano. Inverno do espírito: tanta burocracia, pra quê? A vida é rápida e curta. Analfabetos nadando na lama das coisas. Um tempo recheado de asneiras. Não ceder ao desgaste. Renovar as energias sempre porque as coisas estão de um jeito que parece que estamos num beco-sem-saída. As portas do conhecimento estão abertas e é por estas vias que vamos trilhar. Atravessamos a vida e no passo a passo aprendemos a caminhar. Pomos a mão na massa ou vamos ser meros espectadores?



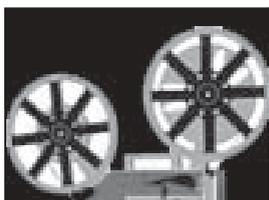
Você estudou no Anglo, na década de 70? Quer reencontrar amigos antigos? Que tal fazermos uma grande festa? e-mail para: pooock@domain.com.br

AQUI VOCÊ ENCONTRA O MELHOR DA MPB

www.revistamusicabrasileira.com.br

REVISTA MÚSICA BRASILEIRA

A revista que fala a nossa língua.



Por Leonardo Luiz Ferreira - Membro da
Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro
email: leonardo@brasbyte.com.br

8

Sétima Arte

Lendas Americanas

A cerimônia do Oscar, realizada em 27 de fevereiro, escreveu bem antes de conhecer seu resultado, ficou polarizada entre duas grandes produções: *Menina de Ouro*, de Clint Eastwood, e *O Aviador*, de Martin Scorsese. Por mais que muitos tenham reticências com relação a carreira de ambos, não há como negar o valor dos dois cineastas de formações distintas. Os longas só confirmam o talento e relevância deles dentro do panorama do cinema mundial, que enfrenta crises de qualidade e autoria. Assisti-los então se torna mais que uma obrigação para os cinéfilos.

O veterano Clint Eastwood sofre de preconceito por parte do público. Tudo começa com seu início de carreira, em algumas produções B, em que desenvolve o estilo do estranho sem nome, de poucas palavras e uma expressão facial nem um pouco emotiva. Além de ficar veiculado diretamente ao gênero faroeste - desde a brilhante trilogia dos dólares comandada por Sergio Leone - considerado hoje sinônimo de ultrapassado e de fracasso nas bilheterias. Ao enxergar apenas pelo prisma da obviedade e do reducionismo, de afirmações do tipo "homem com cara de mau e vingador americano", os seus detratores não conseguem transcender e captar a sua obra como diretor que se inicia com o bom *Perversa Paixão* (1971), em que aborda a obsessão, o amor e uma de suas maiores paixões: a música, sobretudo o jazz. E vai culminar na obra-prima revisionista do *western Os Imperdoáveis* (1992) - que foi consagrado, entre outros prêmios, com o Oscar de filme e direção.

Em 2003, o excelente *Sobre Meninos e Lobos* chega às telas. Um drama policial, com tintas melodramáticas, que rendeu a Sean Penn sua primeira estatua dourada de interpretação. A película serve de parâmetro e até complemento em alguns pontos para o lançamento posterior, *Menina de Ouro* (2004). A começar pela fotografia contrastante de claro/escuro; a questão da justiça com as próprias mãos ou apenas seguindo seu coração ou código de conduta; evocações musicais minimalistas e não incisivas; a América da ilusão e sonho de um lado, e da melancolia e cicatrizes de outro; e o desafio emocional, que exorciza sentimentos de culpa e dor para refletir sobre os laços familiares e de amizade.

Menina de Ouro não é um filme de boxe, apesar de ter como centro uma academia da luta e cenas magistrais do esporte. É um filme sobre a vida utilizando-se da metáfora de uma derrota no ringue para conclamar de que nem sempre a vitória é o mais importante. O personagem de Eastwood, no melhor papel de sua vida, um velho treinador de boxe, promove sua aproximação/reencontro com a fé, não apenas religiosa - os diálogos iniciais são sarcásticos com relação à igreja, porém dão lugar até o final a orações e a crença -, mas em alguém, no ser humano, no caso da moça que ele passa a treinar, interpretada por Hillary Swank, que construiu uma grande personagem, com sotaque sulista, de grande força física e, ao mesmo tempo, delicadeza. O distanciamento afetivo e sua conseqüente não conexão emocional são um dos males do século. Hoje o toque ou um simples abraço são um dos passos mais difíceis a serem dados. E Eastwood

emociona não só sabendo como trabalhar os clichês e apresentá-los ao espectador como se fosse a primeira vez que estivesse vendo aquilo, mas também trazendo sinceridade em cada fotograma, recuperando um classicismo perdido dentro do cinema americano. *Menina de Ouro* é, sem dúvida, mais uma obra-prima em sua carreira.

Já o genial Martin Scorsese, o principal diretor americano ainda em atividade, após o bom e incompreendido *Gangues de Nova York* (2002), escolheu *O Aviador* (2004), uma cinebiografia sobre Howard Hugues, como seu próximo projeto. O filme é grandioso - não pomposo e terrível como *Alexandre*, de Oliver Stone - em todos os aspectos, sobretudo porque reconstitui com perfeição uma época, inclusive com a técnica *technicolor* vigente nos anos dourados de Hollywood. Scorsese é o *metteur on scene*, um maestro que rege os mínimos detalhes. Ele é um apaixonado por cinema, com devoção religiosa, e isso vai estar presente em *O Aviador*. Já que Hugues, filho de magnatas do petróleo, vai investir seu dinheiro em aviões e no cinema. E dele, por exemplo, a assinatura de produção do clássico *Scarface* (1932), que revolucionaria a forma e conteúdo



dos filmes de *gangsters*.

O perfeccionista Martin encontra no obsessivo Hugues uma fonte de inspiração para reconstruir o glamour de um período e traçar uma parte da história dos Estados Unidos. Para ajudá-lo na tarefa, ele contou com uma excelente equipe, com destaque para os seus parceiros habituais: o desenhista de produção Dante Ferretti; e a montadora Thelma Schoonmaker, que a cada longa dá uma aula sobre como a montagem é essencial, modificando o ritmo de acordo com a necessidade - não há como esquecer a edição eisensteineana em *Gangues de Nova York*. Os planos da seqüência do desastre de avião de Hugues são antológicos, com cortes imperceptíveis.

No elenco, Leonardo DiCaprio se destaca no papel principal sabendo equilibrar a megalomania e a paixão pelas mulheres e a aviação. A atriz Cate Blanchett interpreta a lenda Katherine Hepburn e incorpora a voz e todos os seus trejeitos, deixando a marca mais especial dentro de toda a produção. Já que Jude Law como Errol Flynn e Kate Beckinsale como Ava Gardner apenas se assemelham um pouco fisicamente e não tentam construir ou emulá-los.

Howard Hugues foi um milionário excêntrico que sofria de um transtorno obsessivo. Essa condição faz com que se forme uma repulsa e não identificação imediata. Dessa forma, relembra os dois principais personagens das películas mais famosas de Scorsese: Travis Bickle, o taxista de *Taxi Driver*; e Jake La Motta, o boxeador de *Touro Indomável*. E um dos principais fascínios de *O Aviador* vai residir exatamente nesse ponto. Porque as críticas negativas vão ressaltar a frieza, o piloto automático emocional e o distanciamento para dialogar com o público. Afirmações questionáveis, entretanto há uma certeza: existe a marca de um autor.

No fim, DiCaprio brada em frente ao espelho: "O caminho do futuro. O caminho do futuro...". Tanto Martin Scorsese quanto Clint Eastwood são o passado, o presente e o futuro do cinema americano. Independente de prêmios.

Mais fotos no site www.acontecenacidade.com.br





Quando voam as adagas

Chega às telas o novo filme do diretor de *Lanternas Vermelhas*

A vida na China em 859, no final da Dinastia Tang, toma conta das telas com o filme *O Clã das Adagas Voadoras*, dirigido por Zhang Yimou (o mesmo de *Lanternas Vermelhas*) e com Zhang Ziyi no elenco.

O enredo mostra as intrigas promovidas por sociedades secretas que disputavam a lealdade do imperador. Dois soldados - Jin (Takeshi Kaneshiro) e Leo (Andy Lau) - recebem a missão de matar o líder de um clã que ameaça a dinastia dominante na China. Para ajudá-los entra em cena Mei (Zhang Ziyi), uma dançarina suspeita de manter laços com a facção revolucionária "Casa das Adagas Voadoras", por quem os dois se apaixonam. *O Clã das adagas voadoras* tem estréia



Divulgação

prevista para 11 de março. **(G.C.)**

Mais fotos no site
www.acontecenacidade.com.br

Jornada de anjos e demônios

Keanu Reeves vive o anti-herói dos quadrinhos Constantine

Outra estréia prevista para o dia 11 de março é *Constantine*, com Keanu Reeves no papel de um irreverente detetive do sobrenatural (John Constantine). Ele se junta à cética policial Angela Dodson (Rachel Weisz) para investigar o misterioso suicídio da irmã gêmea dela. No caminho da verdade, os dois percorrem Los Angeles e encontram por trás da aparência normal da cidade um mundo de anjos e demônios numa

série catastrófica de acontecimentos sobrenaturais. Constantine e Ângela acabam se envolvendo e precisam reencontrar a paz de qualquer maneira. Escrito por Kevin Brodbin, Mark Bombback e Frank Capello, o filme é baseado nos quadrinhos *Hellblazer*, da linha DC/Vertigo. **(F.M.)**

Mais fotos no site
www.acontecenacidade.com.br



Divulgação



NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira - Membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro

email: leonardo@brasbyte.com.br



Divulgação

REDENTOR (*Idem*) Direção: Cláudio Torres
Elenco: Pedro Cardoso, Miguel Falabela. Uma obra de estréia surpreendentemente audaciosa, provando que a família famosa não criou uma falta de mérito, há competência e talento de sobra, sobretudo no domínio técnico e narrativo, ao estilo de *Crepúsculo dos Deuses*, a obra-prima de Billy Wilder. O roteiro, que levou cinco anos para ser concluído, é pautado a partir de algo factual: a construção de um condomínio que jamais é finalizado. Na tela, cria-se uma alegoria moderna, com concepções anárquicas, como os sem-terra que invadem a propriedade, e o planejamento de um negócio escuso para dividir o dinheiro para o povo. Para obter o efeito a linha narrativa é pontuada pelo humor negro - sempre o caminho mais difícil para fazer rir, mas também o mais inteligente. O trio central repete seus papéis televisivos de costume, que acabam se encaixando perfeitamente na proposta. Pedro Cardoso é o bobo que fala sério e dotado de riso irônico; Falabela, o típico rico com nojo de pobre e ideais maquiavélicos; e Camila Pitanga, a beleza ingênua e genuína nacional. **CotaA, o: bom.** Brasil, 2004, Humor Negro.



Divulgação

CELULAR: UM GRITO DE SOCORRO (*Celular*) Direção: David R. Ellis Elenco: Kim Bassinger, Chris Evans. Larry Cohen, antes um diretor de filmes de terror, agora vende roteiros para Hollywood. Os dois últimos se transformaram em filmes com elementos semelhantes, até porque foram escritos mais ou menos no mesmo período. Em *Por um Fio*, de Joel Schumacher, a ação é centrada em um ponto fixo: uma rua com um telefone público. Já em *Celular*, o fio que conduz a narrativa já está implícito em seu próprio título. O caráter político, discutível claro, de *Por um Fio* - uma *serial killer* moralista que aterroriza a América pós-11/09 - é deixado de lado para uma ação desenfreada. Os primeiros planos abrem com a imagem da boa mãe e do filho exemplar. Em seguida, um passeio pelo jardim da casa e a entrada de fora para dentro do olho mágico. A invasão e o pesadelo têm início. Uma mulher desesperada consegue fazer uma ligação milagrosa só com os fios do telefone e o rapaz que a atende tentará fazer de tudo para ajudá-la. Ele rapidamente vira um herói, que guia como um profissional, arrisca a vida de outros, rouba e manipula. Nada contra o ator que personifica o papel - um esforçado Evans, que pode dar certo no futuro - porém o script não contribui. Até mesmo o público, absorto e impressionável em *thrillers*, começa a perceber que os absurdos tentam tornar justificável tudo que se vê. A lógica desaparece, a direção também, para fazer valer aquilo que está escrito. E sem esquecer que a estrela principal é o aparelho celular de uma grande empresa. Após a

projeção, todos acreditam que ele é vital para o século XXI. **CotaA, o: ruim.** EUA, 2005, Suspense.

SOB O DOMÔNIO DO MAL (*The Manchurian Candidate*) Direção: Jonathan Demme Elenco: Denzel Washington, Meryl Streep. O cineasta Demme abdicou de um trabalho mais autoral. Ele se tornou o homem das refilmagens. *Sob o Domínio do Mal*, o original foi dirigido por John Frankenheimer, não é tão desastroso quanto *O Segredo de Charlie*, um remake insofista para o clássico *Charada*, de Stanley Donen. Mas também não chega ser um bom filme. Para atualizar a trama, o longa se inicia na Guerra do Golfo, em 1991, na chamada operação Tempestade no Deserto. É de se admirar que os roteiristas não tenham pensado em inserir nada mais além disso, a própria cultura do medo vigente é deixada de lado. Em compensação a direção de fotografia, de Tak Fujimoto, é excelente. Ela consegue captar a aridez do deserto, a nebulosidade das ações recuperadas na memória e criar o clima claustrofóbico carregando em tons escuros, sem que se perca o desenvolvimento do enredo. Em *Alucinações do Passado*, único filme relevante de uma carreira lamentável de Adrian Lyne, desenvolve-se um pesadelo traumático de pós-guerra a risca, colocando tanto o personagem principal quanto o espectador em dúvida sobre realidade e ficção. A atmosfera onírica, ainda que se passa por "monstros" mentais, permite entrar na mente de um indivíduo psicologicamente alterado pelo conflito bélico. Já em *Sob o Domínio do Mal* a recorrida a pesadelos, delírios é para apenas esclarecer o script, não se permite uma construção real de uma metáfora ligada ao presente como se poderia pensar. A lavagem cerebral não precisa ser executada por um cientista louco, ela existe nas entrelinhas, nas mensagens subliminares e no poder da mídia. **CotaA, o: regular.** EUA, 2004, Drama.

ANTES DO P-R-DO-SOL (*Before Sunset*) Direção: Richard Linklater Elenco: Ethan Hawke, Julie Delpy. O diretor Richard Linklater não é considerado um autor por parte da crítica ou comentado em rodas de discussão entre cinéfilos. Mas tem uma boa carreira, atualmente bastante prolíxa, com a experiência onírica e delirante de *Waking Life* e com o ótimo *Escola de Rock*, um produto comercial sim, que destila finas ironias. *Antes do Amanhecer*, a sua película mais famosa, é um dos melhores romances dos anos 90. E uma continuação seria, em teoria, desnecessária. Mas ao assistir, percebe-se que não. É uma poesia de e sobre o amor, como um instante pode valer mais que a vida inteira. Rodado com planos-sequências, que remetem ao realismo de "passar" aquele dia com o casal, com diálogos maduros sobre diversos temas, de verbosidade típica francesa, e uma proximidade que gera a cumplicidade. O amor em estado bruto, puro, aquele da adolescência que todos sonham para que se concretize, mas escapa ou nunca vem. Reforça também a questão levantada em *Encontros e Desencontros*, de Sofia Coppola, sobre viver o momento com intensidade. Esqueça as frustrações do passado e o cotidiano banal, e permita que o acaso faça sua parte. **CotaA, o: Último.** EUA, 2004, Romance.



Divulgação

Veja mais fotos em cores no nosso site www.acontecenacidade.com.br



Sérgio Britto

Para aqueles que vão ver *Macbeth* de Verdi, algumas explicações altamente necessárias para melhor apreciar a grandiosa ópera italiana. Ela deve estrear dia 27, no Municipal.

***Macbeth* e seu libretista**

Apaixonou-se Verdi pelo tema de *Macbeth* e se inspirou em Shakespeare para fazer sua ópera. Não foi uma transcrição da peça de Shakespeare, como no caso de *Othello* e *Falstaff*. Aqui é o caso de uma inspiração que provocou em Verdi uma nova versão de *Macbeth*, sem mudanças na essência, nenhuma mudança na essência, mas com um roteiro e um desenvolvimento cênico muitas vezes diferentes.

Para começar, dos 24 personagens de Shakespeare, ele ficou apenas com 11, sem contar as bruxas que, em Shakespeare, são três e, em Verdi, quase sempre um coro feminino de, pelo menos, umas trinta vozes.

No *Macbeth* de Verdi o rei Duncan não fala. O Malcom é o único filho de Duncan que aparece. Lady Macduff não aparece. Mas, por mais paixão que você tenha pelas três bruxas de Shakespeare, realmente a invenção do coro verdiano, é uma conquista dramático-musical nada desprezível. Verdi fez o roteiro para Paiva, que fez o libreto.

A personagem Lady Macbeth

Vi na Alemanha, em 1981, uma versão do *Macbeth* de Shakespeare. A direção era de Luc Bondy e levava a importância de Lady Macbeth e a relação sexual do dois a níveis inesperados. Antes do crime, o casal está dormindo nu. Macbeth sai para matar Duncan completamente nu e quando volta, depois do crime, o sangue de Duncan mancha também seu pelos pubianos. No seu entusiasmo, Lady abraça o marido e os dois ficam iguais: o sexo marcado pelo sangue de Duncan. Na minha visão e na visão de muitos que escreveram sobre a história de Shakespeare, a Lady é uma instigadora, a mulher que não permite que Macbeth vacile.

A ambição domina Macbeth e sua Lady. Ele fraqueja muitas vezes. Esse sonho de poder nele já começa, desde o início, a ser angústia e remorso. Lady é muito mais forte, resiste muito mais ao horror que ajudou a cometer. Só a loucura, que é a sua forma de remorso, acaba com ela.

O estilo vocal de Verdi

Quando Verdi começou sua própria atividade, o teatro musical foi improvisadamente transformado numa floresta da qual saiam rugidos e gritos, berros alucinantes. No âmbito dos transformadores do gosto, da tessitura e dos timbres, que já podem ser percebidos no decênio (década anterior, aproximadamente, de 1840), já havia cantores que, tendo perdido a familiaridade coma as figuras e malabarismos do estilo de Rossini, sabiam, no entanto, executar com grande langor estético as firulas

de Bellini, Donizetti e Mayerbier com paixão quase doentia e, ao mesmo tempo, eram muito precisos nos legados e portamentos para expressar este mundo de paixões muito mais dramáticas do que dez anos antes.

Um crítico musical, Adam, em 9 de novembro de 1852, comentou: "Eis aqui as culpas que não podemos jamais perdoar. É de haver concebido suas óperas num sistema tal que aqueles que não sabem cantar são os mais aptos a cantar, com a única condição de ter bastante voz para as notas agudas, altas. Os barítonos, ele transformou em tenores e os baixos, em barítonos". Em 1855, Adam escreveu: "Eu dificilmente poderia perdoá-lo de ter mudado a escola italiana. Nele não se encontra mais a pureza e a obrigação melódica tão favorável aos cantores. Eu não posso perdoá-lo pelo sistema de canto à plena voz. Ele proscreeu, aboliu o canto requintado, cheio de ornamentos, não manejou o sistema vocal em geral e abusou de uma instrumentação que já era reprovada nas escolas alemã e francesa".

Outro crítico, Paolo Scudo, da revista Dois Mundos, repetia um pouco Adam. Em 1858, em Paris: "Ter uma voz forte, temperamento sanguíneo e pulmões fortes bastam para satisfazer o público e o compositor". E ele continua: "Os melodramas monótonos e sangrentos de Verdi acabaram com o bom gosto de toda Itália e fizeram se perder todas as tradições da arte de cantar. Não é a voz humana que deve exprimir os gritos de Azucena".

O modo Verdi de escrever, se posto em comparação com o estilo rossiniano, com o repertório de Donizetti e Bellini, podia ser discutido.

O desenho de suas melodias, especialmente para as vozes femininas, se mentem muito ligado à tradição italiana, pelo menos em suas primeiras óperas: em *Véperas Sicilianas*, os floreios do canto, a agilidade do canto, ali estão. Em *Macbeth*, quando a Lady diz: "Pois apareçam, ministros do inferno, que animam e excitam os mortais a verter sangue", a agilidade do canto está presente e é ela que exprime toda a dramaticidade de cena, o que se repete também em *Stride La Vampa*, de Azucena, em *Il Trovatore*.

No operismo verdiano tem muita importância o barítono. Através da voz do barítono Verdi compôs, já com Nabuco (1842), figuras complexas e atormentadas: Macbeth, Rigoletto, Simon Bocanegra, e Falstaff, mesmo sendo este uma figura que vai ao máximo do ridículo, não podiam ser senão barítonos, protagonistas absolutos destas óperas.

Mas, mesmo quando não são os protagonistas, quantos berítonos/personagens existem nas óperas de Verdi: Don Carlo, de *Ernani*; o Rodrigo, de *Don Carlo*; o Conde de Luna, de *Il Trovatore*; o velho Giorgio Germont, de *La Traviata*; o marido traído Carlo de Vargas, de *A força do destino*; o marido traído Renato, de *Um baile de máscara*; e, talvez, o mais famoso de seus barítonos que não é protagonista – Iago, de *Othello*.

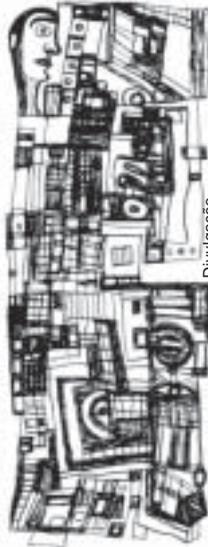




Traços espontâneos e telas de solidão

Duas exposições comemoram os trinta anos de estrada de Victor Arruda

Para comemorar suas três décadas no mundo da arte, Victor Arruda programou duas exposições este mês. A primeira, *Desenhos*, vai ser inaugurada dia primeiro no Espaço Cultural Sérgio Porto. São criações livres em envelopes, pequenos blocos de estudantes, cadernos pautados ou quadriculados, etiquetas gomadas ou ainda apenas traços rápidos que prestam homenagem a grandes nomes, como Picasso, Ismael Nery, Mondrian. A maioria, desenhos espontâneos e que vão ser expostos assim, como provas, sem a preocupação de acabamento. Na Galeria Anna Maria Niemeyer, Arruda selecionou pinturas. As telas de



Divulgação

Novos abismos usam como fio condutor uma figura solitária sempre no limite de um precipício, como no fio da navalha. A mostra acontece entre os dias 10 e 31 de março. A galeria fica no Shopping da Gávea.

Artista plástico e professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, o cuiabano Victor Arruda fez a primeira exposição em 1975, no Museu de Arte Moderna de Cuenca, no Equador. Chamou a atenção ao apresentar trabalhos com imagens irreverentes e obscenas. Mas o reconhecimento veio na década de 80, quando mudou o estilo de pintura. **(G.C.)**

Arte e psicanálise

Marcelo Lago batiza mostra com autobiografia de Jung



Divulgação

Memórias, Sonhos e Reflexões é o título da exposição que o artista plástico Marcelo Lago leva ao Paço Imperial, no Centro, de 17 de março a 5 de junho, com entrada franca. São 16 peças e uma instalação. As serigrafias feitas sobre uma chapa de alumínio, todas impressas por ele, têm uma tiragem limitada de quinze cópias. Marcelo trabalha com moldes em gesso, usando uma técnica milenar com gordura de coelho e depois fundição em ferro ou alumínio.

O nome da exposição é uma referência direta ao título da autobiografia de um ícone da psicanálise, Carl Gustav Jung, uma vez que Lago mergulhou em questões internas durante três anos e, antes de se dedicar a novas pesquisas, queria passar a limpo esta fase da vida. *Memórias, Sonhos e Reflexões* pode ser vista de terça a domingo, das 12h às 18h. **(G.C.)**



Video Locadora

PARADISE

13 anos de fortes emoções

- CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
- EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
- LANÇAMENTOS •

www.paradisevideo.com.br
☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C
Copacabana





José Louzeiro

Arnaldo Niskier em livro

Já iniciei e está indo bem o levantamento para a biografia do escritor, educador e acadêmico Arnaldo Niskier, secretário de Cultura do Estado.

Sempre tive vontade de escrever sobre esse trabalhador das letras, que conheço desde os tempos em que era dos mais ativos auxiliares de Adolfo Bloch, na revista *Manchete*.

Arnaldo Niskier, que se tornaria educador, andou perto de ingressar em outra atividade: jogador de futebol, por sinal de grandes méritos, nos tempos em que pertenceu ao América Futebol Clube e era aclamado por sua poderosa canhota. Mas os livros falaram mais alto e ele ingressou no time das letras.

Aluno brilhante, durante todo o curso fundamental, nunca deixou de ter nota 10 em todas as matérias. Formado e lecionando, sua postura não se modificou: sempre dedicado aos estudos, sempre

envolvido com as pesquisas e tudo isso com bom humor, como se fosse um cidadão sem problemas, justo ele que teve uma infância e juventude das mais difíceis.

Esse temperamento de pessoa alegre e irônica ele herdou da mãe Fany, uma judia polonesa que veio para o Brasil, fugindo da turma de assassinos a serviço de Hitler.

Escrever sobre Arnaldo Niskier não é difícil; complicado tem sido cobrir todos os ramos do conhecimento que ele domina. Além de escritor de grandes méritos exerce, também, uma função que não gosta de ver mencionada: é filólogo talentosíssimo.

Seu livro *Na Ponta da Língua*, escrito da maneira objetiva e com aquela naturalidade que o caracteriza, é obra primorosa. Tivesse poderes junto ao ministro da Educação mandaria adotá-lo em todas as escolas deste país, principalmente nas de nível superior!

Televisão

Lost na grade do AXN

Série é uma das mais assistidas da TV americana

Um dos maiores sucessos de audiência da TV americana, a série *Lost* estreia no Brasil, dia 7 de março, no canal AXN. O enredo se desenvolve logo depois de um acidente de avião numa ilha do Pacífico e mostra as mais variadas experiências vividas por um grupo de 48 sobreviventes, exibindo o que há de melhor e de pior nas pessoas.



Divulgação

A série vai ser apresentada todas as segundas, às 21:00 e o episódio de estreia será exibido em um especial de duas horas, às 20:00, com transmissão simultânea no AXN e no Sony Entertainment Television. No elenco estão Naveen Andrews, Matthew Fox, Ian Somerhalder, Dominic Monaghan, Terry O'Quinn, Harold Perrineau, Daniel Dae Kim, Malcolm David Kelley, Evangeline Lilly, Emilie de Ravin e Jorge Garcia. **(G.C.)**

Oficina Literária
com Luis Pimentel

- Prosa Verso
- Infante Juvenil
- Texto de humor

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES / MYRRHA COMUNICAÇÃO
☎ 2220-4609
2215-7090 - 9648-9910
myrrha@centroin.com.br



Show

14

Lenny Kravitz em única apresentação

Roqueiro americano faz show na Praia de Copacabana

Divulgação

Um show que promete. E de graça. Dia 21 de março, uma segunda-feira (era a única data disponível na agenda do artista), o americano Lenny Kravitz apresenta na praia de Copacabana o show do CD *Baptism*, seu mais recente trabalho. O disco foi lançado no final do ano passado e fala de espiritualidade, liberdade e redenção. Estourou no Brasil com a balada *Calling all angels*, incluída na novela *Senhora do destino*. Uma das músicas que mais chamaram a atenção em *Baptism* foi *I don't want to be a star*. Estrela de primeira, Lenny Kravitz mora numa mansão em um condomínio de luxo numa ilha de South Beach, em Miami, e já namorou mulheres do top de Nicole Kidman, Naomi Campbell, Kate Moss, Madonna e a modelo brasileira Adriana Lima. Entre as exigências do excêntrico roqueiro para se apresentar no Rio estão duas mulheres vestidas de camiseta branca e calça jeans para lavar pratos em seu camarim, cem toalhas brancas e 450 quilos de gelo.

Bancado por duas empresas gigantes de telefonia e pela prefeitura do Rio o



evento é a principal atração pelos 440 anos da cidade, comemorados dia 1º. O show faz parte da turnê latino-americana *Celebrate!* e acontece às nove da noite no palco montado em frente ao Copacabana Palace. **(F.M.)**

Versões inéditas de composições consagradas.

Emmerson Nogueira dedilha clássicos do rock



Divulgação

O mineiro Emmerson Nogueira leva dia 12 de março ao Claro Hall mais um espetáculo do já consagrado projeto Versão Acústica, em que o cantor mostra versões inéditas de clássicos do rock internacional acompanhado de seu violão. No repertório, *Money e Wish You Were Here*, do Pink Floyd; *Mrs. Robinson*, do Paul Simon; *Radio Gaga*, do Queen, *Hotel Califórnia*, dos Eagles e *Ticket to Ride*, dos Beatles, entre outros. Ele se apresenta acompanhado de sua banda.

Emmerson Nogueira trocou os bares de Minas Gerais pelas grandes casas de shows do país e se tornou um intérprete reconhecido. Seu primeiro CD vendeu 1 milhão de cópias em menos de dois anos. **(F.M.)**

PROCURADO

Você tem boa comunicação e vontade de trabalhar?



Seja um Contato Publicitário
Recompensa: comissões de 20%
sem horário nem metas para cumprir
LIGUE:
2527-5519 / 9666-5469 - Ricardo



O sucesso é o que vem de fora.

O Teatro Rival recebeu nos dias 22 e 23 de fevereiro, após longa ausência dos palcos brasileiros, a cantora baiana Virgínia Rodrigues, para o lançamento do seu terceiro CD, *Mares Profundos*.

Casa lotada, fila na porta e a farta cobertura da imprensa anunciavam o que estava por vir. Foi um estrondoso sucesso, uma rara oportunidade de se ver algo de novo, e de bom.

O show tem início. A banda, formada por Raul Mascarenhas (sax e flauta), Ronaldo Silva (percussões), Pedro Braga (violão) e Iura Ranevski (violoncelo e direção musical), começa a tocar e, ainda fora de cena, ouve-se uma voz suave, quase lírica: "... quando eu morrer me enterre na Lapinha..." Mansamente, entra no palco a figura forte de Virgínia. O corpo roliço e de proporções generosas contrasta com a suavidade de sua voz. O público assistia maravilhado a sua interpretação, guardando para o final uma explosão de aplausos, em agradecimento.

De origem humilde, Virgínia foi descoberta cantando em coros de igrejas de Salvador e tem como padrinho Caetano Veloso. Logo no seu primeiro disco contou com as participações de Gilberto Gil, Milton Nascimento e Djavan. Tanta gente boa junta assim num mesmo trabalho, não é coincidência. É competência.

A dificuldade em ter seu trabalho executado nas rádios do país mantém nossos artistas à margem do seu público. Apesar de Virgínia cantar o Brasil, através de Baden Powell e Vinícius de Moraes, não existe espaço para ela na pro-gramação. É pena...

O processo de formação de público é uma coisa esquisita. Não raro, o artista tem seu



Ricardo Poock

trabalho reconhecido por público e crítica primeiro no exterior para depois conseguir esse reconhecimento aqui. Depois de fazer shows em países como Áustria, Espanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, onde se apresentou no famoso Carnegie Hall de Nova Iorque e recebeu elogios da crítica, a cantora volta pra casa pra mostrar o que lá fora já se sabe: Virgínia é um sucesso!

Veja mais fotos em cores no nosso site
www.acontecenacidade.com.br

PARADISE apresenta
Mise en Scène Cia Teatral
A Fantasia de Pinóquio
Inspirada na obra de Carlo Collodi
Texto e Direção: Pinco, Letícia Pinco Diniz
TEATRO CLARA NUNES
Shopping de Gracia

SABADOS E DOMINGOS
17:00 HORAS

Traga este anúncio e pague apenas R\$12,00*
*Preço promocional não cumulativo

Buffet Iidro Rodrigues
Eventos e Recepções em Geral
Tradição de mais de 40 anos

Desejamos a todos que 2005
seja uma festa!

Rua David Campista, nº 35
Humaitá - Rio de Janeiro - CEP: 22261-010
Tel.: 2539-1586 Telefax: 2527-6685



Paulo Raider

e-mail para esta coluna: praider@ig.com.br



Divulgação

CINEMA NACIONAL. E o cinema nacional está mais uma vez na berlinda. Dessa vez é a 2ª Premiação da Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil (ACIE). A premiação será dia 29 de março no Centro Cultural Banco do Brasil. Antes porém, haverá uma mostra, aberta ao público, de 18 filmes lançados comercialmente em 2004 e recomendados para a premiação pelo comitê de cinema da ACIE. A mostra, que será realizada de 8 a 13 de março, na Sala de Vídeo do CCB, será seguida pela votação de 250 correspondentes afiliados a associação no Rio, São Paulo e Brasília. Os prêmios serão outorgados para seis categorias: Melhor Filme (ficção), Melhor Documentário, Melhor diretor, Melhor roteiro, Melhor ator e melhor atriz. Na programação, os cinéfilos assistirão os melhores filmes lançados na cidade, tais como: *A Dona da História*, de Daniel Filho, *Redentor*, de Cláudio Torres, *Olga*, de Jaime Monjardim, *As Filhas do Vento*, de Joel Zito Araújo, *Onde anda você*, de Sérgio Rezende, *Contra Todos*, de Roberto Moreira, além dos documentários: *Justiça*, de Maria Augusta Ramos, *Fala Tu*, de Guilherme Coelho, *Língua-Vidas em Português*, de Victor Lopes, entre outros. Para dar o ar chic à premiação, o troféu foi criado pelo badalado joalheiro carioca Antônio Bernardo.

IPANEMA CHIC. A Rua Farma de Amoedo, reduto gay de Ipanema, abre espaço para outras tribos. Ipanema Chic, a nova casa de espetáculo da badalada rua, chega para democratizar o pedaço. E nada melhor que o animado Trio Água de Kacimba para botar fogo no forró ipanemense. A banda oriunda do Recife faz a galera dançar ao som do melhor

forró pé de serra, além de fazer releituras de clássicos como Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro. Detalhe: os frequentadores habituais da área são obviamente bem-vindos.

TORQUÁTALIA. Torquato Neto, uma das estrelas do movimento tropicalista e autor de belas letras, como *Pra dizer adeus*, com Edu Lobo, *Mamãe coragem*, *Ai de ti Copacabana*, com Caetano Veloso e *Geléia Geral*, com Gilberto Gil, entre outras pérolas do nosso cancionário, ganha justa homenagem. O jornalista Paulo Roberto Pires lança *Torquatália*, livro em dois volumes, que relata a vida, as crônicas, os poemas e as matérias que fizeram história na imprensa brasileira, na época em que o país vivia nos porões da ditadura. *Torquatália* é sem dúvida um grande relato do poeta do desbunde. Imperdível.



Divulgação

CARTÃO POSTAL. O Centro Cultural da Justiça Federal, na Cinelândia, é mais uma opção cultural na cidade. Em seu palco, têm se apresentado nomes já consagrados e revelações da nossa MPB, trazidos de todos os cantos do país pelas mãos de Ana Gurgel. Os shows acontecem sempre às terças-feiras, em dois horários: 12:30 e 18:30 e custam só 10 reais. Fica na Av. Rio Branco, 241. O lugar é lindo. Mistura do antigo com o moderno. Vale conferir!

BOA VIAGEM. Nosso querido Antônio Torres está de malas prontas para França. Participará do evento RENCONTRES AVEC L'ESCRIVAIN BRESILIEN, que acontecerá nas cidades de Toulouse, Bordeaux, La Rochelle, Paris e Marseille. Sucesso.

